

BOLETIM

Informativo

Nº
ESPECIAL
NOVEMBRO



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

2016

SEMINÁRIO

PALÁCIO NACIONAL DE MAFRA ESTUDOS DO ESPÓLIO MÉDICO

5 de Novembro de 2016

ORGANIZAÇÃO

NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

PALÁCIO NACIONAL DE MAFRA



**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Direção-Geral do Património Cultural



BOLETIM

Informativo

Nº
ESPECIAL
NOVEMBRO
2016



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

Coordenação

Fernanda Santos

Maria do Sameiro Barroso

Teresa Amaral

Introdução

Maria do Sameiro Barroso

Teresa Amaral

Autores

Aparício Fernandes

Germano de Sousa

Joaquim Figueiredo Lima

João Alcino Martins e Silva

João Fortuna Campos

José Filipe Moreira Braga

Maria do Sameiro Barroso

Mafra

5 de Novembro de 2016

Fotografias: Do Arquivo Fotográfico do Palácio Nacional de Mafra e fotografias dos autores dos trabalhos que agradecem a gentil autorização para a sua publicação.

BOLETIM

Informativo

Nº
ESPECIAL
NOVEMBRO
2016



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

PROGRAMA

Moderação

António Aires Gonçalves

14:00

Conferência de abertura

“Do Real Hospital de Todos os Santos ao Convento de Mafra”

Germano de Sousa

14:40

“A enfermaria monástica do Convento de Mafra”

Aparício Fernandes

15:00

“Artefactos na botica do Palácio Nacional de Mafra”

Joaquim J. Figueiredo Lima

15:20

Intervalo para café

15:40

“Comentários a um livro do século XVIII sobre a circulação do sangue”

J. Martins e Silva

BOLETIM

Informativo

Nº
ESPECIAL
NOVEMBRO



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

2016

16: 00

“Feliciano de Almeida, cirurgião do século XVIII”

João Fortuna Campos

16: 20

“*Mirabilia* terapêutica na *Pharmacopea Tubalense*”

Maria do Sameiro Barroso

16:40

“Tratado do Escorbuto (James Lind, 1771)”

José Filipe Moreira Braga

17:00

Encerramento

Entrada gratuita mediante inscrição para nhmom@omcne.pt



O ESPÓLIO MÉDICO DO PALÁCIO NACIONAL DE MAFRA



A História faz-se de coisas concretas: objectos, livros, vestígios que pernoitam em nós e em nós perpetuam a sua vida, o seu fulgor, o seu silêncio. Entre ventura e desventura, neles suturamos o ser, a glória, a inquietação, o universo. É com eles que tecemos a luz, a sombra, a memória, os nomes, e as sementes do passado que perduram e germinam, numa luta interminável que nos confronta, desafia e interpela.

A visita ao Palácio Nacional de Mafra, a 6 de Junho de 2015, foi como beber um elixir antigo, deixando que o passado tomasse conta de nós e nos capturasse nas redes de mistério.

BOLETIM

Informativo

Nº

ESPECIAL

NOVEMBRO

2016



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

A Enfermaria dos Frades, a Botica Conventual, a Biblioteca, com os seus mais de quatro mil volumes sobre medicina deslumbraram-nos! Foi neste encantamento que nos detivemos, como ávidos viajantes do tempo e antigos descobridores de tesouros.

O desejo de desvendar um pouco mais as entranhas deste mundo, mágico e perturbante, invadiu-nos de imediato e levou-nos a perscrutar um pouco mais os seus segredos. O resultado é este conjunto de trabalhos que indicia bem o interesse dos médicos pela sua História, bem como a sua rápida capacidade de resposta a este desafio, árduo, intenso e gratificante.

Ao Director do Palácio Nacional de Mafra, Dr. Mário Santos, agradecemos o acesso a este acervo único e valioso. À Dr.^a Fernanda Santos e à Dr.^a Teresa Amaral agradecemos o estímulo, o entusiasmo e o apoio precioso que possibilitou as nossas pesquisas.

Aos colegas que se disponibilizaram a levar a cabo os seus estudos, agradecemos o seu valioso contributo. Aos que não tiveram tempo para terminar os seus trabalhos, incentivamo-los a prosseguir, pois haverá outras oportunidades.

Ao nosso Bastonário Professor Doutor José Manuel Silva que apoiou, com todo o entusiasmo, esta iniciativa, deixamos o nosso reconhecido agradecimento.

Maria do sameiro Barroso

Núcleo de História da Medicina da Ordem dos Médicos

BOLETIM

Informativo

Nº

ESPECIAL

NOVEMBRO

2016



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

A BIBLIOTECA DO PALÁCIO NACIONAL DE MAFRA

“Sempre imaginei que o paraíso fosse uma espécie de Biblioteca”

Jorge Luís Borges



A Livraria de Mafra insere-se numa tipologia quase única, pois a manutenção do seu esquema organizacional permite-nos ainda hoje perceber a sua composição, que está directamente relacionada com a política de aquisição, que por sua vez vai entroncar na política cultural da época.

Aliando uma selecção aquisitiva criteriosa de obras, a uma arrumação sistematizada, todo o percurso que pode ser feito nesta sala, acaba por ser de uma coerência extrema. Esta tem uma primeira grande divisão temática –



religiosa (norte), profana (sul). Todo o conhecimento aqui concentrado, é o mais abrangente, desde os clássicos, aos teóricos mas também o que de mais inovador existia.

A transferência dos livros para a Sala da Livraria (numa fase inicial estavam em duas salas contíguas) é feita já com o regresso dos Franciscanos a Mafra, a pedido do então bibliotecário Fr. João de S. José que, no ano de 1764, solicita ao futuro rei D. João VI a devida autorização. Todavia esta passagem dos livros não significa de imediato um critério ou ordem de arrumação.

É só em 1797, que se assiste à primeira tentativa de arrumação sistemática das obras, bem como à elaboração de um novo catálogo. O existente, não só estava desactualizado como não tinha espaço para acrescentar novas obras. No entanto a morte de Fr. Joaquim da Conceição, vulgo Fr. Vila Viçosa vem adiar este trabalho.

É já no século XIX, e após a expulsão dos franceses, que um novo bibliotecário é nomeado, Fr. João de Sant'Anna. Tentou, sempre que possível, fazer corresponder os temas das estantes inferiores com os das superiores. Procurou ainda não misturar as obras de carácter religioso com as de carácter profano em termos de localização geográfica, pelo que a norte do cruzeiro estão reunidas quase todas as secções de temática religiosa, reservando-se o restante espaço para as outras áreas do conhecimento.

É hoje fundamental, para que possa ser percebida a evolução de uma qualquer biblioteca estudar e analisar os seus catálogos e também nesta perspectiva Mafra tem algo a dizer. Assim a existência de dois catálogos



(1755-1819) dá-nos a evolução patrimonial do acervo - o que existia até 1755, o que é comprado após esta data, que obras desaparecem entre a elaboração dos dois catálogos, o que está em falta, etc. O discernimento e a objectividade, o rigor e a sistematização são o fio condutor destes dois instrumentos de trabalho.

Poderá, no entanto haver um elo de ligação entre os dois – um pequeno opúsculo manuscrito que tem como título “*Dissertação sobre o modo de compor e ordenar hua livraria...*”. Trata-se de um manual, com algumas ilustrações – desenhos explicativos da melhor forma de colocação e ordenação das áreas temáticas, onde se justifica, sempre recorrendo aos teóricos, o seu posicionamento no espaço físico.

Uma sala de grandes dimensões, onde o mármore estabelece uma perfeita harmonia com a cor das estantes resultando daqui um efeito cromático único. As estantes nunca foram acabadas, mas para o amante do livro até pode ter sido uma vantagem- ao entrar, a percepção imediata é a do papel do livro, do seu peso neste vasto espaço. Aqui ganha o seu real valor. As cores das suas encadernações saltam aos nossos olhos numa mancha de cor forte, mas equilibrada, onde em muitas das lombadas a palavra Mafra aparece. Mas é dentro destas estantes que o verdadeiro valor e um mundo ainda por descobrir está presente. Com cerca de 30000 volumes, não sabemos ainda o número real de livros. Tal é difícil, pois um volume corresponde muitas vezes a algumas dezenas de livros, e casos existem a ultrapassar a centena.

A Bula do Papa Bento XIV, de 1745, não só proíbe sob pena de excomunhão a retirada, desvio ou empréstimo de obras impressas ou manuscritas desta

BOLETIM

Informativo

Nº

ESPECIAL

NOVEMBRO

2016



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

Livraria sem autorização expressa do rei de Portugal, como permite a leitura dos livros proibidos pelos bibliotecários. Está assim fundamentado e com suporte legal a existência destes livros em Mafra.

Poderíamos continuar a descrever os casos únicos que habitam estas estantes, no entanto tal não é possível e de uma forma abreviada podemos referir que todas as áreas de conhecimento estão aqui presentes e muito bem representadas. A colecção de Bíblias, os Missais, os Sermões, as Ordens religiosas a sua história e os seus estatutos, os Dicionários, as Gramáticas, a História, as Viagens, a Medicina, o Direito e a Filosofia, a História Natural e....um outro sem número de temáticas que não podemos enumerar, pois a listagem seria demasiado longa para poder ser aqui enumerada.

Uma palavra final para o excelente estado de conservação de todo o espólio, só conseguido por uma confluência de factores ambientais aqui presentes: a baixa amplitude térmica, o facto de toda a biblioteca estar revestida a madeira e por último a existência de uma colónia de morcegos que controlam e previnem o aparecimento de pragas de bibliófagos, produzindo aqui um ecossistema perfeito.

Teresa Amaral

Bibliotecária Palácio Nacional de Mafra



ENFERMARIAS E ENFERMEIROS:

DO REAL HOSPITAL DE TODOS OS SANTOS AO CONVENTO DE MAFRA

Germano de Sousa



O Hospital é uma invenção medieval cristã, mesmo quando tomava a forma de albergaria, “esprital” ou gafaria. A enfermaria era, na idade média e na idade moderna, o centro do hospital. E referência obrigatória da vida monástica.

Habitualmente, na História da Medicina, é dada pouca importância à sua organização e funcionamento, bem como às funções do enfermeiro.

Neste trabalho, o autor faz uma revisão da organização das enfermarias do Hospital de Todos os Santos, do Hospital Real de Goa, comparando-as com a enfermaria do convento de Mafra.



A ENFERMARIA MONÁSTICA DO CONVENTO DE MAFRA

Aparício Fernandes



Se a prática da medicina é tão antiga quanto o próprio homem, já a sua prática em ambiente tipo hospitalar é bem mais moderna.

Esses edifícios dedicados à prática da Medicina não tiveram sempre uma forma e função homogénea no seu tempo.

A tipologia ‘enfermaria monástica’ pode ir buscar as suas origens aos ‘mosteiros de peregrinação’ e tem particularidades interessantes que se mantiveram desde as suas origens.

O convento de Mafra apresenta-nos um belíssimo exemplar dessa tipologia ‘hospitalar’ e a propósito do seu estudo fazemos uma abordagem

BOLETIM

Informativo

Nº
ESPECIAL
NOVEMBRO



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

2016

retrospectiva da prática da Medicina em espaços físicos próprios para a sua prática exclusiva.

Se bem que de certa forma a prática da Medicina nesses edifícios fosse relativamente próxima da praticada no seu tempo, mas no mínimo, a sua ligação a uma ordem religiosa dava-lhe especificidades interessantes de analisar.





ARTEFACTOS NA BOTICA DO PALÁCIO NACIONAL DE MAFRA

Joaquim J. Figueiredo Lima

Quem se propõe visitar a Enfermaria do Convento de Mafra, passa, obrigatoriamente, por um pequeno espaço designado por “Botica”. Aqui, a atenção do visitante é dirigida para três grupos de imagens. Em frente, sob o vão de uma janela, depara-se com um conjunto de almofarizes de mármore; do lado direito, encontra-se um armário repleto de recipientes de porcelana, devidamente identificados com o nome de ervas medicinais e de outros produtos e do lado esquerdo, sobre uma mesa, observa-se um conjunto de diversos artefactos.

Aqui, algumas peças são susceptíveis de promover interrogações em muitos visitantes. São exemplo, as duas grandes seringas de metal, destinadas à realização de enemas (clisteres). (Fig. 1)

A realização de clisteres para profilaxia ou tratamento das mais variadas doenças perde-se na poeira dos tempos! O Papiro de Ebers (1500 a C.) refere a sua utilização por pessoas de todas as classes sociais. Refere-se que os egípcios desciam até ao rio local, onde inseriam canas ocas no reto para efectuar o fluxo de água. Aliás, até a Íbis sagrada utilizaria o longo bica para limpar a sua cloaca (1, 2)! Informação sobre a utilização de enemas foi gravada nas inscrições cuneiformes sobre Babilónicos e Assírios (600 a C), e há referências gravadas em textos médicos hindus. Susruta, o pai da cirurgia Hindu, descreveu a utilização de seringas para administração de clisteres.



Hipócrates, Galeno e Paracelso descreveram, praticaram e prescreveram enemas para tratamento de diversas situações clínicas (2, 3, 4).



Seringas para clisteres da Botica Conventual de Mafra

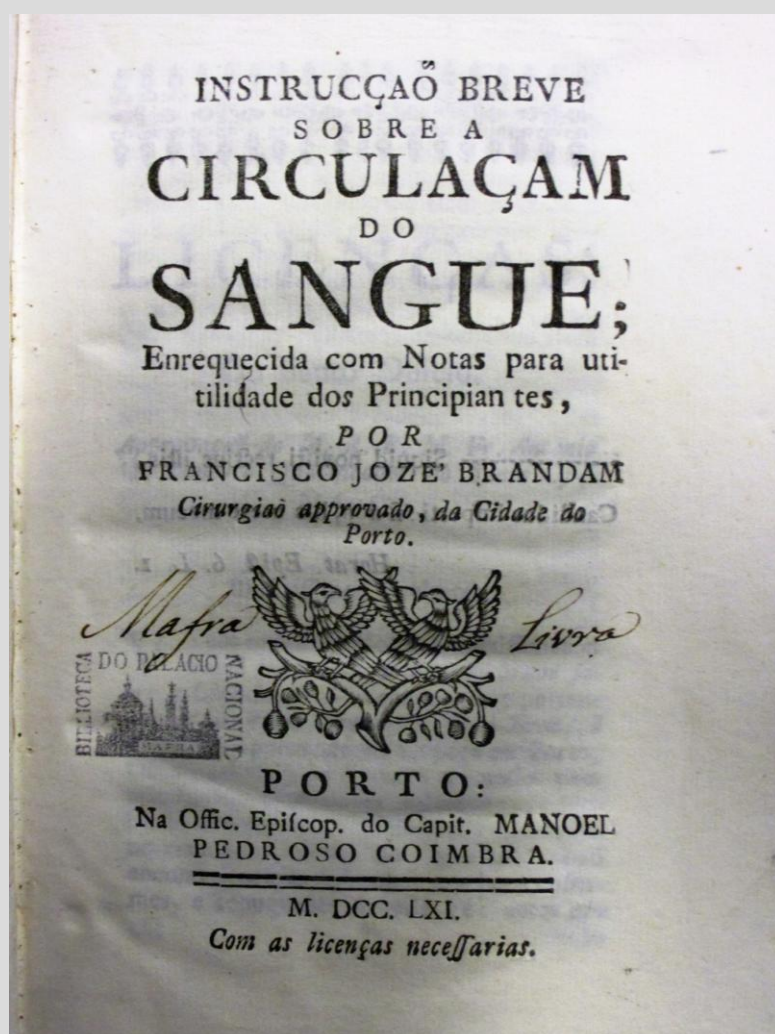
Bibliografia

1. http://www.jacemedical.com/colon_articles/The%20history%20of%20colonic%20hydrotherapy.pdf
2. História dos Enemas - http://www.enemakit.com/enema_history.html
3. Richards DG., e cols. - Colonic Irrigations: a review of the historical controversy and the potential for adverse effects. *Journal of Alternative & Complementary Medicine* 2006; 12. (4): 389-393.
4. Rezende JM - À Sombra do Plátano: Crónicas de História da Medicina. SciELO - Editora Unifesp, 2009: 83-96.



COMENTÁRIOS A UM LIVRO DO SÉCULO XVIII SOBRE A CIRCULAÇÃO DO SANGUE

J. Martins e Silva



Francisco José Brandão, cirurgião aprovado da cidade do Porto, publicou em 1761 um livro sobre a circulação do sangue, intitulado “Instrucção Breve



sobre a Circulaçam do Sangue”, destinado à aprendizagem dos principiantes de Cirurgia. Embora a obra fosse a tradução de um livro Francês sobre “Elementos de Fisiologia”, reconheceu que a utilizou como guia onde “fez mudanças para clarificar algumas partes, acrescentando outras, mais as notas com que a enriqueceu”. Porém, mais adiante, referiu que o pouco que fez na obra original não merece louvor, por não se sentir cientificamente habilitado a fazer composições originais. Esta discrepância suscita dúvidas quanto ao seu contributo real para o texto sobre a circulação do sangue, que se limita a 40 páginas das cerca de 111 que compõem o livro. Ainda no prefácio, o Autor exemplifica erros e omissões do original traduzido, fundamentando-se em conhecimentos e teorias em vigor na época, incluindo algumas que se opunham ao modelo que veio a ser proposto por William Harvey em 1628, actualmente aceite. Admitir-se-ia que uma obra publicada mais de um século depois deste explanasse os princípios fundamentais da circulação sanguínea, como sucedera com o tratado publicado em Lisboa, em 1735, por João Marques Correia. Adicionalmente, esperava-se que a principal lacuna do esquema de Harvey fosse colmatada pela posterior revelação microscópica dos capilares, por Malpighi, em 1661, redescobertos por van Leeuwenhoek em 1683, mas que Leonardo da Vinci já havia evidenciado em moldes com cera, no início do século XVI. A par de conclusões sobreponíveis às que fundamentam o modelo da circulação sanguínea atribuído a Harvey, a que acresceram conhecimentos e hipóteses hoje aceitáveis, o trabalho de Francisco Brandão inclui imprecisões e erros, além de a existência e função dos capilares terem uma apresentação funcional dúbia ao longo do texto.



FELICIANO DE ALMEIDA, CIRURGIÃO DO SÉCULO XVIII

João Fortuna Campos



Neste século XVIII, houve a preocupação de construir uma nova Cirurgia, baseada na Anatomia e na Fisiologia, disciplinas que eram apenas descritivas e que passaram a incluir as alterações patológicas dos órgãos e tecidos.

O melhor conhecimento do corpo humano vai conduzir a perceber com pormenor os mecanismos intrínsecos para lutar contra a doença para se conseguir um melhor estado de saúde.

Com os conhecimentos adquiridos pela observação, os médicos/cirurgiões classificam as doenças e procuram aplicar a melhor terapêutica.

BOLETIM

Informativo

Nº
ESPECIAL
NOVEMBRO
2016



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

Neste século, a anatomia foi e continuará a ser estudada com interesse operatório – será intitulada anatomia cirúrgica e, a partir de agora, começará a ter mais rigor e exactidão.

Vamos analisar um compêndio, escrito por um ilustre cirurgião desse século – Feliciano de Almeida – e que se encontra na Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra. Famoso cirurgião e Professor do Hospital Real de Todos os Santos escreveu este compêndio, em 1715 – Cirurgia Reformada -, composto por dois livros que descrevem com pormenores o tratamento cirúrgico de determinadas doenças e com intenção de ser uma alternativa ao livro de António Ferreira que era, até então, o livro de estudo de todos os cirurgiões portugueses.



Bacia para aparar o sangue nas flebotomias. Palacio Nacional de Mafra.



TRATADO DO ESCORBUTO, JAMES LIND, 1771

José Filipe Moreira Braga



O orador começa por referir que 39 anos separam o lançamento da 1ª pedra para a construção do Monumento de Mafra, da publicação da 1ª edição do Tratado do Escorbuto de James Lind (J.L.), adiante designado como “T.E.”. Seguidamente, para os convidados menos familiarizados com o Escorbuto (adiante referido como “E”), dá uma breve informação sobre esta doença. Referindo-se ao Plano Geral do T.E., publicado em 2 vol. e vertido em francês, menciona os seus pilares fundamentais: o Prefácio do Tradutor, o Prólogo do Autor, e as Partes I, II e III.

O Prefácio do Tradutor é elogioso para J.L.: arte, clareza, previsão e sageza na observação dos doentes. No Prólogo o Autor, salienta a razão de ser da publicação do T.E.: a mortalidade provocada por esta doença, na Marinha Britânica, era superior ao número de mortos em combate.

Na I Parte do T.E., J.L. faz uma crítica das descrições do E. conhecidas na época e aborda a questão dos diferentes tipos de E. então em voga. Na II Parte, o Autor do T.E. disserta sobre as causas da doença, o diagnóstico, o prognóstico, a prevenção, o tratamento, a teoria da doença e os achados das autópsias.

BOLETIM

Informativo

Nº
ESPECIAL

NOVEMBRO

2016



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

Na III Parte, cita informações de Autores antigos supostamente relacionadas com o E. e as primeiras descrições dadas sobre a doença. Divulga ainda a Biblioteca Escorbútica, com tudo o que foi publicado até então sobre o assunto.

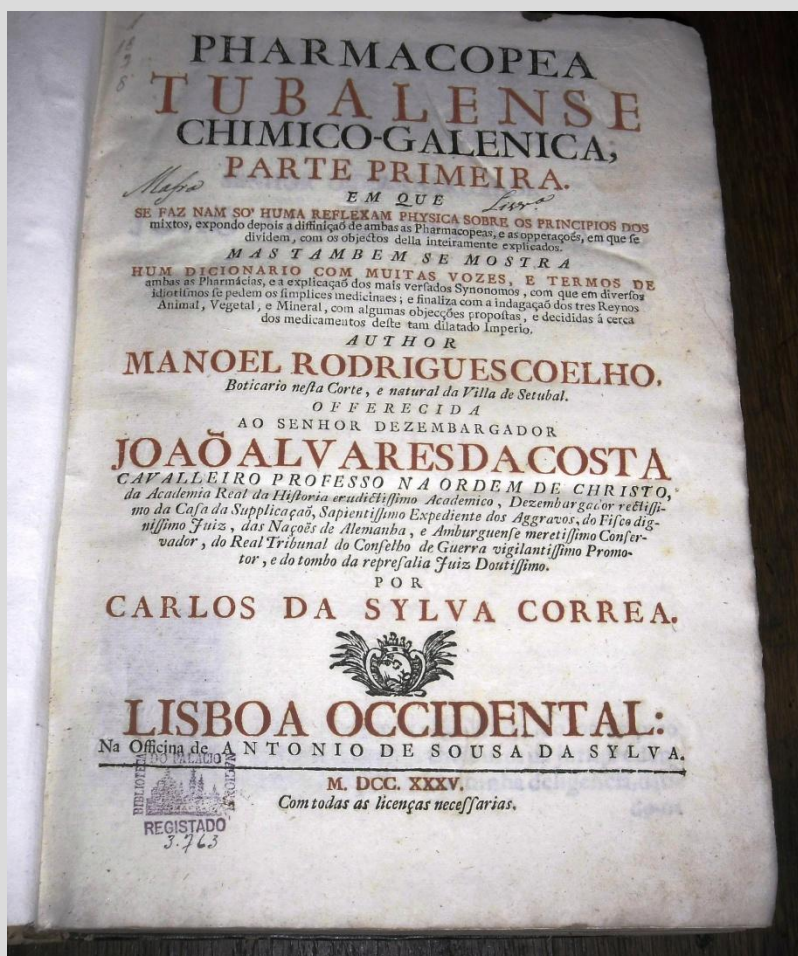
O orador apresenta ainda algumas referências cronológicas sobre o E. e termina realçando o valor desta obra clássica que integra a Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra, elogiando o seu Autor.





MIRABILIA TERAPÊUTICA NA PHARMACOPEA TUBALENSE

Maria do Sameiro Barroso



A *Pharmacopea tubalense* da autoria de Manuel Rodrigues Coelho, publicada em Lisboa, em 1735, foi uma das obras que teve maior difusão no tempo, constituindo uma amostra dos conceitos terapêuticos da época. Por esse motivo, escolhemos um exemplar existente na Biblioteca do Palácio de Mafra para este estudo, cujo objectivo é seleccionar alguns exemplos mais



significativos de substâncias médicas de origem mineral, animal e vegetal, caras e raras que figuravam simultaneamente como *materia medica* e como objectos de arte nos *Kunstkammern* e *Cabinets of Curiosities* de monarcas, nobres, banqueiros e homens da ciência, entre os séculos XVI e XVIII.

Entre os que começaram por ser, primariamente, *materia medica*, os bezoares, os unicórnios e os dentes de narwal contam-se entre os mais apreciados. Grande parte de outras substâncias foram apreciadas como objectos decorativos com propriedades mágicas e apotropaicas e como *materia medica*. Entre estes, figuram o âmbar, o unicórnio, o coral, as pérolas, a madrepérola, o marfim e as pedras preciosas, muito apreciadas, reduzidas a pó e tomadas em electuários, juntamente com substâncias vegetais e aromáticas.

A Pedra de Goa, um bezoar artificial, criado pelo Jesuíta, Gaspar António, pertencente ao Colégio de S. Paulo, em Macau, em meados do século XVII, congrega a síntese desta tradição, pouco antes destas terapêuticas terem começado a ser substituídas por substâncias mais eficazes, a partir do início do século XIX. Das substâncias de origem vegetal, os cocos figuraram entre a *materia medica*, cuja casca foi objecto de trabalhos de ourivesaria. São referidas também substâncias de origem animal, tais como o almíscar e o âmbar cinzento, que foram muito apreciados quer como medicamentos quer em perfumaria.

Outras substâncias, embora caras e raras, tais como os *oculi cancrorum*, são também referidas. Outras, menos dispendiosas, tais como a pedra judaica mereceram a nossa atenção pela importância de que foram alvo na época.

BOLETIM

Informativo

Nº
ESPECIAL
NOVEMBRO
2016



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

